

Os signos de “Geni e o Zepelim” como metáfora política: uma análise semiótica da crise política brasileira de 2016¹

José Nacélio Macena da SILVA²
Iara Maria Melo BRASIL³

Diego Frank Marques CAVALCANTE⁴

Faculdades Nordeste - FANOR, Fortaleza, CE

RESUMO

O propósito desse artigo é fazer uma análise semiótica da Música “Geni e o Zepelim” do musical “A Ópera do Malandro”, do cantor e compositor brasileiro, Chico Buarque de Hollanda. De forma específica, serão utilizados o caráter icônico da letra da música para estabelecer paralelos entre a canção e o atual contexto da política brasileira, nos desdobramentos do corrente ano de 2016. A análise está dividida em três partes: a marginalização das minorias em relação ao poder, sua ascensão e queda.

INTRODUÇÃO

Em 1979, Chico Buarque lançava o disco com a trilha sonora da "Ópera do Malandro", recriação que o compositor e cantor carioca fez das peças “A Ópera dos Três Vinténs” (1928) dos alemães Bertolt Brecht e Kurt Weill, e da “Ópera dos Mendigos” (1728) do inglês John Gay, com a música do alemão Johann Pepusch, de fato, uma adaptação. Porém é uma obra genial que retrata a realidade brasileira com maestria num verdadeiro palco apresentado por um malandro carioca, boêmio, e a travesti, inseridos numa brasilidade social da época, e não obstante, se faz completamente presente nos dias atuais. Destacamos “Geni e o Zepelim”, pois é neste contexto uma das canções mais divulgadas, estudadas e analisadas nos diversos campos acadêmicos.

Para tratar da atual conjuntura da política brasileira, a canção “Geni e o Zepelim” será analisada a partir do ponto de vista da Semiótica de Peirce, como fator sócio-político-cultural dos desdobramentos desta política no decorrente primeiro semestre de 2016, acerca da figura de Geni.

PALAVRAS-CHAVE: Política; sociedade; semiótica; signos, metáfora.

¹ Trabalho apresentado no DT 4 – Comunicação audiovisual do Intercom Junior do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 07 a 09 de julho de 2016.

² Estudante de Graduação 5º semestre do Curso de Publicidade da Fanor – Devry, email: nacelio.maceno@gmail.com

³ Estudante de Graduação 5º semestre do Curso de Publicidade da Fanor – Devry, email: brasiliara2@gmail.com

⁴ Orientador do trabalho. Doutor em Ciências da Comunicação (USP). Professor do Curso de Comunicação Social da FANOR – Email: marquesdiego@usp.br

1. Fenomenologia e a Semiótica de Peirce

Antes de entramos no campo semiótico, faz-se necessário compreendermos a fenomenologia.

A fenomenologia ou doutrina das categorias tem por função desenredar a emaranhada meada daquilo que, em qualquer sentido, aparece, ou seja, fazer a análise de todas as experiências é a primeira tarefa. Temos a habilidade de agarrar nuvens, vastas e intangíveis, organiza-las em disposição ordenada, recoloca-las em processo (PIERCE 1998, p.168).

Para Santaella, (1993, p.13) trata-se, portanto, de um estudo que, suportado pela observação direta dos fenômenos, discrimina diferenças nesses fenômenos e generaliza essas observações a ponto de ser capaz de sinalizar algumas classes de caracteres muito vastas, as mais universais presentes em todas as coisas que a nós se apresentam. Assim, nessa medida, são três as categorias universais propostas por Peirce: 1 Primeiridade; é pura possibilidade, aquilo que é em si mesmo sem relação com nenhum outro; 2 Secundidade está baseada no conflito. Temos nela ação e reação dos fatos concretos. Mundo físico, mundo da matéria. Um fenômeno singular; 3 Terceiridade é generalidade, síntese, hábito, tempo. É representação. É interpretação do mundo. É o poder de mediar os fatos. O terceiro é aquilo que une um primeiro e um segundo em uma síntese através da mediação (ação inteligente). Precisa do agente semiótico, que pode ser qualquer organismo.

Peirce (1998, p.168), nos leva a entender que a ciência deveria começar com um esforço para desvendar e elencar as classes naturais dadas pela observação, ou seja, pela fenomenologia. Feita a tipologia, a ciência deveria então proceder em classificar, isto é, arranjar as classes naturais de acordo com suas relações e afinidades. Esse procedimento deveria produzir uma classificação arquitetônica de todas as possíveis ciências. Neste contexto, de acordo com a sua classificação arquitetônica, encontramos a semiótica como terceira vertente das ciências normativas, divididas em: 1) Fenomenologia -> 2) Ciências Normativas: 1) estética; 2) ética e pôr fim 3) Semiótica, essa ramificada em: 1) Gramática Especulativa; 2) Lógica Crítica e 3) Retórica Especulativa.

Enquanto a semiologia de Saussure (2001), em seu *Cours de Linguistique Générale*, dizia que a teoria do sentido deveria ser estudada pela semiologia de maneira pura, ou seja, sem “contaminações” de outras áreas como Filosofia e Sociologia, já a semiótica de Charles Sanders Peirce (2000, p.43) abraça as demais áreas do conhecimento e diz que a teoria do sentido só pode ser concebida num corpo filosófico maior.

[...] a Semiótica é a ciência que estuda a produção do sentido nas diversas linguagens que possibilitam a comunicação. É uma ciência, porque está estruturada como tal e possui uma epistemologia própria e arcabouços teóricos bastante complexos que sustentam algumas verdades e suscitam muitas dúvidas (PEIRCE, 2000, p.43)

Segundo Peirce (2000), a produção de sentido é um fenômeno que se dá na mente e na natureza. Não é exclusiva do homem que dá sentido às coisas. O sentido não está nas coisas tomadas isoladamente, mas surge na relação entre existentes singulares e independe de alguém que o interprete ou o pense como tal. Toda relação que evoca e provoca sentido é uma relação comunicativa porque supõe processos de representação. Portanto, o sentido surge da interação comunicativa. É por isso que entendemos a Semiótica como a ciência que estuda em profundidade a comunicação humana e não humana.

O objeto de estudo da Semiótica são as linguagens. E por linguagens, entendemos o conjunto dos sistemas de signos. As linguagens são meios que possibilitam a expressão e impressão. São, portanto, instrumentos dos quais a comunicação não pode prescindir. Não há comunicação sem linguagem. E são linguagens, por exemplo, os sinais utilizados no trânsito, a gestualidade, as coreografias, as palavras lidas, escritas, ouvidas e faladas, a música, a culinária, as trocas biológicas (como as da fotossíntese), as convenções sociais, o cinema, a TV etc.

Um signo, para Peirce (1998, p.174), é aquilo que, sob certo aspecto, representa alguma coisa para alguém. Dirigindo-se a essa pessoa, esse primeiro signo criará na mente dessa pessoa um signo equivalente a si mesmo ou, eventualmente, um signo mais desenvolvido. Este segundo signo criado na mente do receptor recebe a designação de interpretante (que não é o intérprete), e o que está sendo representado recebe o nome de objeto. Signo, Interpretante e Objeto constituem o que é chamado de representação triádica do signo.

Na relação do signo com ele mesmo temos a seguinte tricotomia de signos: Quali-signo, sin-signo e Legi-signo. O quali-signo é uma mera qualidade que é um signo. O sin-signo é algo real tomado com signo. O "sin" denota singularidade. O legi-signo é algo geral que é determinado por uma lei, hábito ou conversão.

Na relação do signo com seu objeto dinâmico Peirce (1998) designa três tipos de signo: ícone, índice e símbolo. O ícone significa graças uma relação de semelhança. Como o formato de uma nuvem pode sugerir a forma de um cachorro. O índice é caracterizado pela sua relação direta, atrito com o objeto e por fim o símbolo que é o signo que está

conectado ao seu objeto por uma convenção, hábito ou lei. A sinalização de trânsito, por exemplo.

A terceira tríade dos signos é classificada na relação do signo com seus interpretantes, divididos em: rema, discente e argumento. O efeito remático é uma mera possibilidade, é uma semelhança apenas com o objeto, as formas de uma nuvem, por exemplo. O efeito discente é o efeito de conexão entre signo-objeto e interpretante. Um efeito argumentativo é um raciocínio lógico, a extração de conclusão a partir do conhecimento dos símbolos.

2. A Semiótica de Geni e o Zepelim

Um dos aspectos frutíferos na noção do signo em Peirce (1998) é a diferença entre interpretante imediato e dinâmico. O interpretante imediato, ainda dentro do signo, está relacionado ao potencial significativo do signo independente seu interprete real. O interpretante dinâmico se refere ao efeito do signo sobre uma mente qualquer.

Nessa trama, apresenta-se a importância da experiência colateral, ou seja, o conhecimento ou familiaridade dos interpretantes do objeto a partir da mediação do signo. Nesse sentido, o processo de significação se desenvolve na interação entre as três partes do signo.

Nesse artigo, os autores do artigo serão o interpretante dinâmico enquanto a música “Geni e o Zepelim” de Chico Buarque de Holanda, músico, dramaturgo e escritor brasileiro, será o signo de onde serão extraídos significados.

Exploraremos os aspectos icônico-metafóricos do signo, ou seja, como a letra do música pode sugerir a lógica da trama política, de modo específico, os desdobramos da política brasileira no decorrente primeiro semestre de 2016. Exploramos, portanto, o potencial do signo para estabelecer paralelos por meio de semelhanças entre a música e o aludido contexto. Será considerado apenas a letra da música como *corpus* desta análise semiótica, tal que segue:

Geni e o Zepelim

Chico Buarque de Holanda

De tudo que é nego torto
Do mangue e do cais do porto
Ela já foi namorada
O seu corpo é dos errantes

Dos cegos, dos retirantes
É de quem não tem mais nada
Dá-se assim desde menina
Na garagem, na cantina
Atrás do tanque, no mato
É a rainha dos detentos
Das loucas, dos lazarentos

Dos moleques do internato
E também vai amiúde
Com os velhinhos sem saúde
E as viúvas sem porvir
Ela é um poço de bondade
E é por isso que a cidade
Vive sempre a repetir
Joga pedra na Geni
Joga pedra na Geni
Ela é feita pra apanhar
Ela é boa de cuspir
Ela dá pra qualquer um
Maldita Geni

Um dia surgiu, brilhante
Entre as nuvens, flutuante
Um enorme zepelim
Pairou sobre os edifícios
Abriu dois mil orifícios
Com dois mil canhões assim
A cidade apavorada
Se quedou paralisada
Pronta pra virar geléia
Mas do zepelim gigante
Desceu o seu comandante
Dizendo - Mudei de idéia
- Quando vi nesta cidade
- Tanto horror e iniquidade
- Resolvi tudo explodir
- Mas posso evitar o drama
- Se aquela formosa dama
- Esta noite me servir

Essa dama era Geni
Mas não pode ser Geni
Ela é feita pra apanhar
Ela é boa de cuspir
Ela dá pra qualquer um
Maldita Geni

Mas de fato, logo ela
Tão coitada e tão singela
Cativara o forasteiro
O guerreiro tão vistoso
Tão temido e poderoso
Era dela, prisioneiro
Acontece que a donzela
- e isso era segredo dela
Também tinha seus caprichos
E a deitar com homem tão nobre

Tão cheirando a brilho e a cobre
Preferia amar com os bichos
Ao ouvir tal heresia
A cidade em romaria
Foi beijar a sua mão
O prefeito de joelhos
O bispo de olhos vermelhos
E o banqueiro com um milhão
Vai com ele, vai Geni
Vai com ele, vai Geni
Você pode nos salvar
Você vai nos redimir
Você dá pra qualquer um
Bendita Geni

Foram tantos os pedidos
Tão sinceros, tão sentidos
Que ela dominou seu asco
Nessa noite lancinante
Entregou-se a tal amante
Como quem dá-se ao carrasco
Ele fez tanta sujeira
Lambuzou-se a noite inteira
Até ficar saciado
E nem bem amanhecia
Partiu numa nuvem fria
Com seu zepelim prateado
Num suspiro aliviado
Ela se virou de lado
E tentou até sorrir
Mas logo raiou o dia
E a cidade em cantoria
Não deixou ela dormir
Joga pedra na Geni
Joga bosta na Geni
Ela é feita pra apanhar
Ela é boa de cuspir
Ela dá pra qual
Foram tantos os pedidos
Tão sinceros, tão sentidos
Que ela dominou seu asco
Nessa noite lancinante
Entregou-se a tal amante
Como quem dá-se ao carrasco
Ele fez tanta sujeira
Lambuzou-se a noite inteira
Até ficar saciado
E nem bem amanhecia
Partiu numa nuvem fria
Com seu zepelim prateado

Num suspiro aliviado
Ela se virou de lado
E tentou até sorrir
Mas logo raiou o dia
E a cidade em cantoria
Não deixou ela dormir
Joga pedra na Geni
Joga bosta na Geni
Ela é feita pra apanhar
Ela é boa de cuspir
Ela dá pra qualquer um
Maldita Geni⁵

⁵ HOLANDA, C.B.de. “Geni e o Zepelim”. Opera do Malandro. Rio de Janeiro: Polygram/Philips, 1978/1979

A partir da exploração traçada e o *corpus*, entramos agora nas questões pertinentes.

3. Análise dos objetos

Há uma discussão sobre a identidade de gênero de Geni; para alguns é uma mulher prostituída, para outros um travesti, esse fato se dá porque, na construção da música, não há nenhum momento em que Geni é citada como uma travesti, porém na “Opera do Malandro”, Geni é representada originalmente pelo ator brasileiro Emiliano Queirós, homem que a caracteriza como travesti.

Entendermos a identidade de gênero da Geni faz-se necessário para esta análise, pois, determinadas localizações icônicas se fazem necessárias para posicionamento do signo em seu contexto. Para De Paula, (2010, p.4) À asserção que Geni é uma travesti é considerar a obra em que a canção se encontra: na Ópera do Malandra, Geni é uma travesti que, como outras mulheres, vive de prestar seus serviços sexuais num bordel barato, frequentado por “tudo que é nego torto”. Ela é dona do seu próprio nariz e vive e faz de seu corpo o que quer, com quem e como quer.

Por outra vertente, Geni não discrimina, nem faz acepção de sexo, e “Dar-se assim desde de menina”, caracterizando-se, assim, de fato, como travesti. A diferença entre Geni e as prostitutas vai além da fisiologia homem/mulher: Geni “dá-se” e não “vende-se”.

Os objetos de nossa interpretação serão analisados nas seguintes vertentes: Geni em duas vertentes: primeiro como o governo atuante anteriormente, que representava e servia o povo esquecido e abandonado pela alta sociedade. Em um segundo momento como o povo, marginalizado e sofredor, que perde seus representantes e continua sendo explorado; o Comandante/Zepelim, como os políticos brasileiros e o bispo, banqueiro e juiz como uma elite midiática.

3.1 Geni: como o povo marginalizado

Interpretaremos os signos da música em seus aspectos icônico-metafóricos, ou seja, por meio de relações de semelhanças serão estabelecidos paralelos significativos entre Geni e o povo marginalizado brasileiro. As qualidades icônicas, dada a sua relação por semelhanças, possibilitam interpretações abertas: incitando a produção de novos significados.

“De tudo que é nego torto”; “Do mangue e do cais do porto”; “Ela já foi namorada”; “O seu corpo é dos errantes”; “Dos cegos, dos retirantes”; “É de quem não tem mais nada”; “Dá-se assim desde menina”; “Na garagem, na cantina”; “Atrás do tanque, no mato”

Do ponto de vista icônico tal passagem pode sugerir um “brasil” minúsculo, nas suas relações interligadas de uma população da base da pirâmide social brasileira: “De tudo que é nego torto”, não necessariamente dos errantes, mas, nesse contexto a representação de uma sociedade que exclui o que não lhe serve como “Dos cegos, dos retirantes”, o feio. Geni uma travesti sem nome social, que de fato é submetida nesta sociedade o mais profundo submundo da marginalidade, age como redentora, desses excluídos, servindo-os e ajudando-os. Geni dá-se para essa sociedade inferiorizada.

3.2 Geni: como início do governo a partir de 2002

No campo político com base no propósito deste artigo, a chegada de Geni sugere o início do governo de esquerda em 2002, a representação redentora “É de quem não tem mais nada”. Segundo dados do IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), a pobreza e extrema pobreza no Brasil até 2002 chegava ao alarmante 81 milhões de brasileiros, cerca de 34% da população e desses 15% em extrema pobreza.

No Brasil até então havia a cultura que a pobreza era algo imutável, estável e quem assim fosse, deveria assim ficar, destacamos um trecho de Ariano Suassuna (1999), “O Auto da Compadecida”, diz a Compadecida “Intercedo por esses pobres, meu filho, que não têm ninguém por eles. Não os condene. É preciso levar em conta a pobre e triste condição do homem. Os homens começam com medo, coitados, e terminam por fazer o que não presta, quase sem querer”.

Neste contexto a triste condição de pobreza e desvalia eram impostas como condição humana e nada se podia fazer. O novo governo em 2002 chega como Geni e torna-se a salvação messiânica dos que nada tem.

“É a rainha dos detentos”; “Das loucas, dos lazarentos”; “Dos moleques do internato”; “E também vai amiúde”; “Com os velhinhos sem saúde”; “E as viúvas sem porvir”; “Ela é um poço de bondade”

Tal como na passagem da música, o governo chega como “pai dos pobres”, o governo é um “poço de bondade”: estabelece-se uma relação icônica entre as qualidades de Geni e do aludido governo. Neste período viveu-se um momento histórico em relação à redução da pobreza, foram gerados mais de 20 milhões de empregos, aumentou-se salário mínimo, mas de fato, o ganho significativo foi na área social, ampliou-se a transferência de renda com o bolsa família e as bolsas de educação.

Por outro lado, há outras relações icônicas como na passagem: “É a rainha dos detentos, Das loucas, dos lazarentos”. O aludido governo criou o auxílio exclusão, aumentou programas de saúde e criou “Com os velhinhos sem saúde” o Ministério da Previdência Social.

Contudo, essas ações geraram adoração da base social da pirâmide ao “seu salvador”, personificados em duas eleições e duas reeleições, pois esse vai sempre lhes servir, porém essa relação distanciou o governo das esferas superiores da pirâmide social.

“E é por isso que a cidade”; “Vive sempre a repetir”; “Joga pedra na Geni”; “Joga pedra na Geni”; “Ela é feita pra apanhar”; “Ela é boa de cuspir”; “Ela dá pra qualquer um”; “Maldita Geni”

Para tanto, uma sociedade não é feita somente da base social da pirâmide. Segundo Karl Marx (2006) as sociedades capitalistas são regidas por relações em que o capital e o trabalho são dominantes. Dessas relações emergem duas classes sociais: a burguesia que personifica o capital e o proletariado que personifica o trabalho assalariado. Além dessas classes sociais existe a classe média, que ora apoia a burguesia, ora apoia o proletariado.

Neste contexto temos como sugestões icônicas o fato que quando a burguesia se vê ameaçada e quando seus “direitos” de classe superior são suprimidos em relação a uma classe inferior. Inicia-se a campanha para desmontar o governo dos que nada tem.

Em interpretação icônica, sugere-se que os ataques partem da burguesia e hoje no Brasil representada pelos grandes grupos midiáticos, que lançam enxurradas de informações depreciativas sobre o referido governo, “joga pedra no governo” esse governo favorece a qualquer um. Qualquer um neste contexto é o povo que faz base social da Pirâmide.

3.3 O zepelim como fim do governo em 2016

“Um dia surgiu, brilhante”; “Entre as nuvens, flutuante”; “Um enorme zepelim”; “Pairou sobre os edifícios”; “Abriu dois mil orifícios”; “Com dois mil canhões assim”;

“A cidade apavorada”; “Se ficou paralisada”; “Pronta pra virar geléia”; “Mas do zepelim gigante”; “Desceu o seu comandante”; “Dizendo - Mudei de idéia”; “- Quando vi nesta cidade”; “- Tanto horror e iniquidade”; “- Resolvi tudo explodir”; “- Mas posso evitar o drama”; “- Se aquela formosa dama”; “- Esta noite me servir”;

Nesse contexto, fazemos uma conexão através da semiótica com a chegada de um governo opressor, “A cidade apavorada”; “Se ficou paralisada”. O poder legislativo, representado por seu presidente, tinha a possibilidade de parar a intenção da sociedade elitista, já que, o seu partido de centro direita tinha aliança com o governo, o qual lhes tinham concedido a vice liderança. Porém, decide chantagear o governo em troca de benefícios próprios e seguindo a chance do seu partido assumir o comando do País e com a sua grande bancada denominada “tropa de choque” decide “tudo explodir”; “- Mas posso evitar o drama”; “- Se aquela formosa dama”; “- Esta noite me servir”.

“Acontece que a donzela”; “- e isso era segredo dela”; “Também tinha seus caprichos”; “E a deitar com homem tão nobre”; Tão cheirando a brilho e a cobre” Preferia amar com os bichos”.

Contudo, o governo operante não cedeu aos pedidos do Presidente da Câmara, preferindo colocar o seu mandato em riscos e não atender as chantagens realizada pelo presidente. Após o posicionamento desfavorável à solicitação chantagista do presidente, ele inicia o processo de impedimento contra o governo atuante.

Não foi coincidência que Cunha tenha decidido acolher o impeachment no momento em que deputados do PT decidiram votar favoravelmente à sua cassação no Conselho de Ética. Foi uma chantagem explícita, mas Cunha escreveu certo por linhas tortas, afirmou o jurista, segundo o jornal. (ESTADÃO DE SÃO PAULO, 02/12/2015, CADERNO DE POLÍTICA)

“Foram tantos os pedidos”; “Tão sinceros, tão sentidos”; “Que ela dominou seu asco”; “Nessa noite lancinante”; “Entregou-se a tal amante”; “Como quem dá-se ao carrasco”; “Ele fez tanta sujeira”; “Lambuzou-se a noite inteira”; “Até ficar saciado”

Analisamos esse trecho, a partir do dia do processo de impedimento, onde todos os deputados estavam reunidos para consolidar o golpe. A votação, que ocorreu no dia que ficou conhecido como o “Dia D”, durou horas, onde os deputados foram dar seus votos, em meio a tantas palavras podíamos observar a tamanha falta de respeito e deboche pelo governo operante e as minorias que representavam.

Mas quem roubou a cena foram os deputados, especialmente os que votaram a favor da abertura do processo de impeachment de Dilma. As justificativas variaram, mas pouco se referiram às pedaladas fiscais, acusação que é a base para o impedimento da presidente. Os deputados fizeram referências a Deus, à corrupção, à família e até mesmo à ditadura militar.

Veja algumas das frases dos deputados a favor e contra o impeachment:

Jair Bolsonaro (PSC-RJ): "Nesse dia de glória para o povo tem um homem que entrará para a história. Parabéns presidente Eduardo Cunha. Perderam em 1964 e agora em 2016. Pela família e inocência das crianças que o PT nunca respeitou, contra o comunismo, o Foro de São Paulo e em memória do coronel Brillhante Ulstra, o meu voto é sim."

Marco Feliciano (PSC-SP): "Com ajuda de Deus, pela minha família e pelo povo brasileiro, pelos evangélicos da nação toda, pelos meninos do MBL, pelo Vem pra Rua, dizendo que Olavo tem razão, dizendo tchau para essa querida, e dizendo tchau ao PT, partido das trevas, eu voto sim!" (BBC, 17/04/2016, CADERNO DE POLÍTICA)

Tais trechos sugerem paralelos significativos com as seguintes partes da música: “Ele fez tanta sujeira”; “Lambuzou-se a noite inteira”; “Até ficar saciado”. O presidente do poder legislativo e os seus apoiadores usaram de argumentos pífios e sem embasamento para finalizar e concretizar o processo de afastamento da presidente do poder. Naquele dia, onde o presidente da câmara sentou-se em sua cadeira e debochou, alegrando-se com o resultado da votação que fora realizada.

Além do governo e seus apoiadores, também é fácil notarmos um grande trabalho midiático em distorcer informações e mudar a realidade em suas palavras. A seguinte passagem sugere relações com a lógica de manipulação midiática:

“Num suspiro aliviado”; “Ela se virou de lado”; “E tentou até sorrir”; “Mas logo raiou o dia”; “E a cidade em cantoria”; “Não deixou ela dormir”; “Joga pedra na Geni!”; “Joga bosta na Geni!”; “Ela é feita pra apanhar!”; “Ela é boa de cuspir!”; “Ela dá pra qualquer um!”; “Maldita Geni!”

Semioticamente, iremos realizar uma ligação desse trecho e o desfecho do “dia D”. Câmara dos Deputados aprovou às 23h47 do dia 17 de abril de 2016 o prosseguimento do processo de impedimento do então governo, “Mas logo raiou o dia”, “E a cidade em cantoria”; “Não deixou ela dormir”; e num rito acelerado seguiu o processo para o Senado já no dia seguinte.

No dia 13 de junho de 2016 o plenário do Senado brasileiro decidiu afastar o então Governo Federal por até 180 dias para dar início à fase de julgamento do crime de responsabilidade. Com o afastamento, o Brasil volta a ser representado interinamente pela direita brasileira em sua maioria a parte superior da pirâmide social.

Homens, brancos, na faixa dos 50 e 60 anos. Este é o perfil padrão dos políticos brasileiros, de acordo com os dados do Observatório de Elites Políticas e Sociais do Brasil e que foi fielmente reproduzido na nova equipe do presidente em exercício, Michel Temer. Nenhuma mulher e nenhum representante de minorias estão no primeiro escalão do governo interino. (CAETANO, IVONE, 13/05/16) DESEMBAGADORA DO TRIBUNAL DA JUSTIÇA DO RIO DE JANEIRO)

Em sua primeira entrevista como ministro da Fazenda, o ex-presidente do Banco Central Henrique Meirelles falou sobre a necessidade de aumentar impostos.

Segundo ele, o novo governo deve anunciar medidas "duras" para reverter a tendência de crescimento da dívida pública, que considerou "insustentável". (BBC, 15/05/2016, CADERNO DE POLÍTICA)

Temer extinguiu o Ministério da Cultura (Minc) e determinou que suas atribuições fossem incorporadas ao Ministério da Educação (MEC), pasta que passou a ser chefiada por um político do DEM. (JORNAL TERRA, 19/05/2016, CADERNO DE POLÍTICA)

A partir das informações apresentadas e analisadas pelo campo semiótico do trecho citado anteriormente da música, vemos que Geni, após o processo de impedimento deixa a posição de governo e no atual momento passa a representar as minorias brasileiras, afinal a população de base “é feita pra apanhar!”; “Ela é boa de cuspir!”; “Ela dá pra qualquer um!”; “Maldita Geni!”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito deste trabalho foi o de fazer uma análise semiótica da música Geni e o Zepelim, de Chico Buarque de Hollanda, fazendo uma relação icônica com a sociedade das minorias e sua representação frente ao governo e os acontecimentos que marcaram o primeiro semestre do ano de 2016. Podemos observar, através das análises feitas, que a música está intimamente conectada com os acontecimentos e é absolutamente atual, apesar de ter sido composta há muitos anos.

Acredita-se que a análise desenvolvida permite a compreensão da letra em relação ao posicionamento político e a forma como a sociedade de minorias é tratada pelos

poderosos que governam o nosso país. A análise tem como objetivo apresentar e defender o tratamento dado às minorias pelo governo, estabelecendo paralelos sugestivos entre a música de Chico Buarque e o atual contexto político.

REFERÊNCIAS

PEIRCE, Charles Sanders. The collected papers of Charles Sanders Peirce. Electronic edition. Vols. I-VI. C. Hartshorne & P. Weiss (eds.). Charlottesville: Intelelex Corporation. MA: Harvard University, 1931-1935.

PEIRCE, Charles S. Semiótica. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

SANTAELLA, Lúcia. O que é semiótica. 1.ed. São Paulo. Brasiliense, 1993. (coleção primeiros passos; 103)

SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de lingüística geral. 30. ed. São Paulo: Cultrix. 2001.

HOLANDA, C.B.de. “Geni e o Zepelim”. Opera do Malandro. Rio de Janeiro: Polygram/Philips, 1978/1979

DE PAULA, L.; FIQUEIREDO, M.H. Geni, a Maria Madalena de Chico Buarque: aclamações e apedrejamentos na canção e no mundo, ontem e hoje. In: FAZENDO GÊNERO 9: DIÁPORAS, DIVERSIDADE, DESLOCAMENTOS DA UNESP, 2010, São Paulo. Anais eletrônicos... São Paulo: UNESP, 2010. Disponível em: <<http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/site/anaiscomplementares#P>>. Acesso em: 20 maio. 2016.

SUASSUNA, Ariano. Auto da Compadecida. 34 ed./3ª imp. Rio de Janeiro: Agir, 1999.

MARX, K. H.; ENGELS, F. Manifesto do Partido Comunista. 10. ed. São Paulo: Global, 2006.

ESTADÃO DE SÃO PAULO (2015); Autores do pedido de impeachment apoiam o processo; Caderno de Política.

BBC BRASIL (2016); 'Dia D' do impeachment: O que você precisa saber sobre a votação e os próximos passos; Caderno de Política.

BBC BRASIL (2016); Quatro polêmicas que marcaram os primeiros dias do governo Temer; Caderno de Política.

JORNAL TERRA (2016); Sete polêmicas em sete dias de governo Temer; Caderno de Política.